

ENTREVISTA

Vinícius Ito Iwasso

“No 3º ano caiu a ficha. Senti que precisava priorizar o estudo...”

Vinícius Ito Iwasso ingressou na Poli em 2007, onde se formou em Engenharia Mecatrônica. No 5º ano entrou na Accenture, uma consultoria de serviços. Hoje está na Tricae, empresa de e-commerce. Fez Engenharia por considerá-la uma carreira que ensina a resolver problemas.

JC – Quando e por que você decidiu ser engenheiro?

Vinícius – Quando criança, eu queria ser médico, mas sempre tive facilidade para Exatas. Tenho um tio muito próximo que é engenheiro; tudo que eu lhe perguntava, ele sabia a resposta, sabia como funcionava, sabia desenhar. Acabei me espelhando nele.

Além da Fuvest, você prestou quais vestibulares?

Prestei Unicamp e UFSCar. Na Unicamp para Mecânica e na São Carlos para Produção. Fui aprovado na 1ª lista da Unicamp, mas na UFSCar não entrei na 1ª lista e não fui atrás porque passei na Poli direto.

Quando você prestou vestibular, a inscrição para a Poli era em Engenharia e a escolha da especialidade na carreira ocorria lá dentro: do 1º para o 2º ano, uma grande área, do 2º para o 3º ano, a ênfase dentro da grande área. Você entrou já pensando em Mecatrônica, que faz parte da grande área Mecânica?

Eu queria ir para a grande área Mecânica. Lá dentro, todo mundo falava de Produção e de trabalhar em banco, e essa era minha mentalidade, mas eu tinha muito pouco conhecimento. No 1º ano na Poli, eu estudei bastante para cair na grande área Mecânica, que era uma das mais concorridas.

Por causa da Produção?

Exatamente, Produção estava muito na moda, mas no 2º ano, na grande área Mecânica, não consegui a média para fazer

Produção e fui fazer Mecatrônica. No meio do 3º ano, até pensei em trocar de curso, mas acabei gostando e continuei. Mecatrônica tinha matérias como Controle, que eram superinteressantes.

No colégio, no 3º ano, uma vez que se decidiu por Engenharia, você mudou alguma coisa no método de estudo ou manteve seu padrão dos dois primeiros anos?

No 1º e no 2º ano do Ensino Médio, eu não tinha estudado tanto, mas aí no 3º ano caiu a ficha. Senti que precisava priorizar o estudo para passar. No segundo semestre fiz todas as apostilas de revisão. Eu jogava tênis, competia, mas larguei para poder estudar mais. Queria muito passar direto. Tudo que o professor falava eu fazia e revisava. Fazia todos os simulados possíveis, todos os exercícios que pudesse. Saía do Etapa, continuava estudando: chegava em casa e estudava até 10 horas da noite. Foi o que me ajudou muito na Fuvest.

Você chegou a pensar na possibilidade de não passar direto do 3º ano?

Pensei. Isso me dava muito medo. Para mim, teria significado um fracasso.

Como foi o começo na Poli?

Um choque de realidade. No Etapa, a gente tinha tudo do bom e do melhor, material e professores. Na faculdade é diferente, a gente tem de aprender a se virar, ir atrás, correr. Mas logo comecei a me acostumar com a Poli e aí foi normal até o final do curso.

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia Mecatrônica

1
ARTIGO

Política externa dos Estados Unidos (séculos XIX-XX)

5
ESPECIAL

Celebração aos novos universitários

8
CONTO

Último beijo de amor – Álvares de Azevedo

4

Quais foram suas principais dificuldades no início do curso?

Na faculdade o estilo de trabalho é diferente, os professores jogam as matérias e você tem de ir atrás dos livros, dos exercícios, das provas. Você tem de dedicar muito mais tempo estudando fora da sala do que dentro.

Quando entrou na Poli, como via a Engenharia?

Eu via na Engenharia uma oportunidade de aprender muito sobre todas as coisas e ter um campo de atividade amplo. Mesmo com matérias superespecíficas, a essência do curso era resolver problemas, que era a minha ideia quando entrei lá. Durante o curso você vai ganhando ferramentas para resolver qualquer tipo de problema, não importa a área, onde, ou como. Quando saí percebi exatamente isso, porque não trabalhei com Mecatrônica em nenhum momento.

Durante o curso você fez estágios?

Só fiz estágio no 5º ano. Fui trabalhar em uma consultoria de serviços, a Accenture. Trabalhei em um projeto que era bem de TI, internet, meio *marketing* e fui efetivado.

O que você fez na Accenture?

Como estagiário trabalhava com atividades rotineiras, ajudando os analistas, desde desenhar tela de portal até visitar o centro tecnológico do cliente para entender os processos e as ferramentas que cada área precisa desenvolver. Acompanhava gerentes e consultores em qualquer atividade, fazia um pouco de tudo e dava suporte no que era preciso. Foi bom para entender a parte organizacional de uma empresa. Fiquei um ano e quatro meses com um mesmo cliente, o banco Itaú. Deu para aprender muito sobre processos internos.

O que levou você a mudar de empresa?

Apareceu uma oportunidade de ir para uma área que, para mim, tinha mais a ver com a capacidade analítica que tinha desenvolvido na faculdade, que era trabalhar com planejamento de demandas, variações de sazonalidade. Fui trabalhar na Whirpool, na área de planejamento de demanda de peças e gestão de estoque.

Mesmo peças têm sazonalidade?

Têm. Ar-condicionado no verão quebra muito. Eu cuidava de uma carteira que era de importados. Tinha de projetar uma demanda de três, quatro meses para frente. Lançamento de produtos novos. Era algo bem diferente e bem complexo. A Whirpool é uma empresa grande, que dá muito suporte e eu tinha conhecidos lá dentro. Meu pai trabalhou lá também. Não foi nem por dinheiro, pois eu recebia menos, mas porque eu acredito que enquanto se é jovem tem de aprender, depois pensar em dinheiro.

Quanto tempo você trabalhou lá?

Fiquei um ano e quatro meses também. Aí surgiu a oportunidade de trabalhar na Tricae, onde estou.

O que a Tricae faz?

A Tricae vende todos os artigos infantis possíveis, desde calçados, vestuário, móveis, brinquedos, acessórios. Tem um portfólio completo de artigos para criança. Vende somente

pela internet. Ela faz mídia somente on-line também. É o maior *e-commerce* infantil do Brasil, atende o país inteiro. A empresa tem três anos e pouco, vem crescendo muito a cada ano e a perspectiva é crescer ainda mais. É um mercado que eu acho muito legal.

O que motivou você a fazer essa nova mudança?

Acho que aprendi muito na Whirpool. Mas acho que, como todo o pessoal da minha geração, a gente almeja um crescimento rápido. Entendendo como é a empresa, muito grande, muito estruturada e com muita burocracia, achei que ia demorar muito tempo para crescer. E eu queria fazer coisas diferentes, ver outras coisas. Tentei primeiro uma movimentação lá dentro, ir para uma área comercial, mas não consegui. Aí surgiu a oportunidade na Tricae. Eu não conhecia a empresa, mas um amigo trabalhava nela e perguntei como era. Um ambiente descontraído, de muito aprendizado, de pessoas jovens e inteligentes, sem uma hierarquia definida. Você entra com responsabilidade. A área que estava aberta era de planejamento comercial, o que tentei na Whirpool. Vi na Tricae uma grande oportunidade de aprendizado. O bom de empresa pequena é que não tinha processos bem definidos. Tudo que você vê lá dentro, nossa, dá para melhorar. E você vai usando tudo o que aprendeu na faculdade, no colégio.

Os processos internos são mais rápidos?

Sim. Tudo que você faz é instantâneo. Uma empresa de *e-commerce* é assim: você mexe e já vê resultado, deu certo, deu errado. Eu aprendi e cresci muito mais rápido. Todas as pessoas têm perfil empreendedor. Na Poli, eu fiz matéria de Empreendedorismo, mas nunca tinha pensado em abrir empresa; agora penso em, no futuro, abrir a minha com colegas. A gente pensa muito nisso.

Já definiu o ramo de atividade?

Começamos a pensar em dar cursos, miniconsultoria, são coisas que a gente vem fazendo dentro da Tricae. Adquirindo tanto conhecimento rápido, sentimos que podemos ajudar outras empresas a melhorar o próprio negócio. É o que estamos desenhando faz menos de um ano, vamos ver se dá certo.

Na Tricae, o que você faz?

Estou como coordenador de uma área de planejamento comercial. Fazemos toda a estratégia de precificação dos produtos, definimos todo o planejamento de coleção futura, fazemos toda a parte de portfólio, o que está vendendo hoje que não pode acabar, o que tem de ter no portfólio, quanto tem de ter e quando. A gente tem também muita interface com o time de *marketing*, com o financeiro.

O que você pode dizer de trabalhar em empresas diferentes em termos de aprendizado e com diferentes perspectivas?

Sempre busquei me diferenciar. Tanto que fiz Etapa e Poli porque são escolas boas e fui para a Accenture e para a Whirpool porque são boas empresas. Acho que quando a gente é jovem, tem de aprender o máximo possível, o mais rápido possível. Tenho um plano de até os 30 anos adquirir o máximo de experiência. Não penso em outra coisa. Quando jovem,

muita gente pensa em dinheiro. Eu penso em aprendizado. Acho que é o que vai fazer diferença lá na frente, a longo prazo. Eu fico inquieto se estiver fazendo toda hora a mesma coisa porque eu quero aprender bastante.

Você pensa em continuar estudando, fazer pós-graduação?

Sim. Tenho em mente fazer um MBA ou uma pós-graduação. Sinto que estou mais voltado a fazer um curso de gestão de pessoas. É superimportante entender as pessoas que trabalham com você e o ajudam a se desenvolver. Acho que a pessoa que está trabalhando é a parte mais importante. O coração de uma empresa é isso.

Você ficou cinco anos na Poli. De qual ano gostou mais?

Gostei do 5º ano. Além de ter menos matéria, estava estagiando. Pude escolher melhor o que eu queria aprender. Tive Empreendedorismo, fiz Qualidade na Produção, Logística na Naval; matérias que hoje eu sinto que fazem a diferença nas minhas atividades.

Como está o mercado para o engenheiro mecatrônico? Ou para Engenharia em geral?

Vendo meus amigos, eu sinto que as pessoas capacitadas sempre têm lugar, por pior que esteja o cenário econômico. Todas as empresas precisam de pessoas boas.

Em relação ao currículo, em uma entrevista de emprego ou estágio o que faz a diferença?

Eu, quando contrato, olho a faculdade, vejo também cursos que a pessoa possa ter feito que demonstrem interesse em algum tipo de área, tento ver se é uma pessoa que compartilha os mesmos valores e que tem o mesmo perfil que o meu. Isso eu busco na entrevista. E habilidades, línguas, tenho visto que as pessoas estão fazendo cursos de oratória, finanças, negócios. Na Poli, na AEP, Associação dos Engenheiros Politécnicos, tem um curso que dá uma visão de negócios de empresa. Muita gente faz faculdade, então você tem que se diferenciar de alguma maneira. São cursos, atividades e conhecimentos extras.

Quais são os seus planos para este ano?

Fui promovido no início do ano, então eu quero desenvolver melhor minha habilidade coordenando pessoas; quero ajudar ao máximo a empresa a crescer ainda este ano. Eu estou nela porque gosto da empresa, do estilo de trabalho, do ambiente, das pessoas e do que a gente vende. Vou me dedicar ao máximo para isso, quero voltar a estudar este ano ainda. Quero tentar começar o curso de pós em gestão de pessoas.

Já tem em vista algum curso?

Estava pesquisando estes tipos de curso na FIA, na GV e no Insper.

Você não foi trabalhar com Mecatrônica, mas o que diz sobre sua formação?

Todo curso na Poli exige muita dedicação, que você se supere sempre, porque vai encontrar muita dificuldade, muito obstáculo. Acho que isso é o que vai ajudar você no mercado de trabalho, que é muito mais hostil que a faculdade. A faculdade exigiu muito de mim, tanto emocionalmente quanto analiticamente, me ajudou a ser uma pessoa mais madura e mais preparada para o mercado de trabalho.

Da sua base do colégio, o que conta mais atualmente para você?

O que eu acho importante é a Matemática básica. Hoje todo mundo usa calculadora, Excel, mas poucas pessoas sabem efetivamente como é feito o cálculo. Eu lembro que, no Etapa, a gente tinha demonstrações de como se resolve, por exemplo, uma raiz de 2, coisas que são o princípio da Matemática. Sinto que faz diferença você saber a origem das coisas em que está trabalhando. Hoje você aperta uma ferramenta e o resultado sai, mas sabendo como, você vai entender melhor o porquê. Foram coisas importantes que aprendi no colégio.

No Etapa, além das aulas, você participou de outras atividades?

No 2º ano eu fiz uma banda com colegas e toquei na Gincana Cultural. A única coisa diferente de que participei.

Há algo que você conserva do tempo do Etapa?

Guardo as amizades. A maioria dos meus amigos de hoje fizeram Etapa comigo.

O que você pode dizer a quem quer estudar na Poli?

Diria para pesquisar o máximo possível dos cursos, porque não tem só Mecânica, Elétrica, Química e Civil, existem subdivisões dentro de cada um deles. E se informar mais com pessoas que já fizeram a faculdade, que estão fazendo, que querem fazer o curso, para ajudar a decidir. É a decisão mais importante que você vai tomar nessa época da sua vida.

O que você aconselha a quem vai prestar vestibular no fim do ano?

Acho que só depende de você. E tudo dá tempo. É necessário um planejamento de atividades de estudos, exercícios. Mas o mais importante é definir o que você quer este ano, se realmente quer passar, se acha que está pronto ou não. Saber o que quer e ter determinação.

Você quer dizer mais alguma coisa?

Eu acreditei em mim, achei que meu esforço valeria a pena. Abduquei de muitas coisas naquele tempo em que fiquei estudando para o vestibular porque acreditava que no fim do ano ia fazer a diferença. E fez.